

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS EM SANTA CATARINA EM BUSCA DE UMA PEDAGOGIA CAMPONESA E FEMINISTA

Sirlei A. K. Gaspareto*

Zenaide Collet**

Resumo

Ao completar 30 anos de história, o Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina (MMC/SC) construiu coletivamente um processo pedagógico de reafirmação da luta histórica pela libertação das mulheres em consonância com a transformação da sociedade que se efetiva, através de novas práticas e relações sociais. Partindo do eixo motivador dessa experiência, foi elaborada uma estratégia de trabalho que ganhou o formato de uma gincana participativa, envolvendo, de forma direta e indireta, as integrantes do MMC num grande mutirão de trabalho e (re)organização de seu movimento. Este trabalho culminou na realização de uma grande concentração ocorrida em Xanxerê/SC nos dias 30 de abril e 1º de maio de 2013. Um dos grandes desafios para o MMC é persistir na busca de uma pedagogia camponesa e feminista.

Palavras-chave: Movimento de Mulheres Camponesas. 30 anos de história. Pedagogia camponesa e feminista.

* Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, São Paulo, Brasil, 1999. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, Brasil. 2009. Militante do MMC. Quilombo/SC. E-mail: skgaspareto@yahoo.com.br

** Pós-graduada em Ciências Sociais: Geografia e História. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU, 2005, Getúlio Vargas/RS. Militante do MMC. Quilombo/SC. E-mail: zenacollet@gmail.com

1 O MMC iniciou sua história com a sigla MMA/SC (Movimento de Mulheres Agricultoras), como também as suas atividades, ainda no início da década de 1980 no interior de Chapecó, na época na comunidade de Nova Itaberaba. No início, o que atraía as mulheres para o MMA eram questões trabalhistas, como: serem consideradas produtoras rurais, com direito à assistência em caso de acidente de trabalho; aposentadoria aos 55 anos; salário-maternidade e pensão, viuvez. A partir de 2004 o MMA/SC, assim como outros movimentos autônomos de mulheres (agricultoras/trabalhadoras rurais, extrativistas, quebradeiras de coco, pescadoras artesanais, meeiras, diaristas, arrendatárias, posseiras) de outros estados acabou por unificar-se em um movimento nacional, o MMC. Desde seu surgimento até os dias atuais, através de suas formas de organização de base, de mobilização política, de formação de quadros militantes, vem se constituindo em um agente de transformação social. Alinhado à Via Campesina, tem se destacado na luta pelos direitos das mulheres e por um projeto de agricultura camponesa agroecológica. A luta ofensiva contra as transnacionais é considerada, nesse movimento, como elemento-chave que explica a tentativa de destruição da agricultura camponesa e o avanço de uma sociedade na perspectiva neoliberal, e adquire importância visto que cada vez mais o campo se evidencia como um espaço conflituoso, de disputa, de concorrência, de diferentes concepções. Os princípios pedagógicos elaborados e vivenciados neste movimento produzem uma matriz educativa que altera significativamente as relações sociais e a vida das camponesas.

“É a tomada de consciência política – das populações primitivas – que tornou nosso século (XX) o mais revolucionário da história” (ERIC HOBBSBAM apud ARROYO, 2010).

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre o processo pedagógico construído pelas mulheres camponesas do Movimento de Mulheres Camponesas¹ em Santa Catarina (MMC/SC), por ocasião das comemorações dos 30 anos de história deste movimento. O ponto de partida para essa reflexão é a perspectiva metodológica elaborada pelas mulheres no decorrer desse processo. Optamos pela utilização de fotografias, não como forma de ilustração, mas como texto explicativo da riqueza metodológica dos trabalhos realizados pelas camponesas.

O MMC é uma organização que visa construir perspectivas emancipatórias na vida das mulheres camponesas. Ao contextualizar as condições vividas por muitas mulheres camponesas na história do Brasil, nos deparamos com diferentes situações de violência. O movimento faz o estudo sobre a resistência indígena contra a colonização portuguesa; a resistência e a luta de mulheres e homens negros, de todas as idades contra a escravidão; e da mesma forma sobre a resistência das mulheres imigrantes, embora “livres”, que foram destinadas às múltiplas jornadas de trabalho – de modo geral, trabalhadores e trabalhadoras excluídos/as de seus direitos. Este processo vai possibilitando às integrantes do movimento uma analogia com sua própria realidade. É nessa perspectiva que a educação popular vai sendo compreendida pelas mulheres do movimento; sinaliza, marca as resistências populares ao longo dos tempos (PALUDO, 2001).

Enfrentar a exploração do sistema capitalista aliada à dominação machista, característica da cultura patriarcal, tem sido um dos grandes desafios colocados às mulheres trabalhadoras do campo e da cidade, nos diferentes tempos históricos. Entretanto, constata-se que, no caso das camponesas, a partir do momento em que começaram seu movimento, gradativamente foram reconstruindo conceitos, mudaram concepções, alteraram relações que mexeram significativamente no jeito de viver, de sentir, de pensar, de agir consigo, com o grupo familiar, com a comunidade e na sociedade. A maneira, os jeitos, os métodos, as estratégias

educativas que foram sendo elaboradas pelas camponesas nesse movimento, fazem o diferencial no processo de avanço da consciência dessas mulheres.

A concepção de educação no MMC/SC

Foi na efervescência das organizações e movimentos populares na década de 1980 que as mulheres camponesas, ao criar seu movimento autônomo, popular, de base e classe, estabeleceram um processo de formação, organização e lutas fundamentado numa estratégia de educação popular. Educar vem do latim *educare*², que significa conduzir para fora, isto é, “exteriorizar”, “trazer à luz a ideia”, “fazer crescer”, “desenvolver” as potencialidades que existem nos seres humanos, levando-os à intervenção neste mundo. Persistindo nesse caminho, as mulheres camponesas assumiram o desafio de refletir e agir a partir de suas realidades, elaborando e ressignificando projetos de vida e de sociedade. De acordo com Peloso (2005), “A educação popular é uma experiência que se realiza através de atividades formativas, que partem das necessidades sentidas, das ações praticadas e sempre em sintonia com as diversas dimensões das pessoas envolvidas”. À medida que a mulher busca superar as dificuldades, enfrentar os desafios, ela vai se tornando protagonista de sua libertação e contribui para que o opressor também se liberte. Os documentos internos do MMC explicitam os significados que adquirem a concepção de processo pedagógico e educativo para/no movimento:

Verbetes disponíveis em <http://pt.wiktionary.org/wiki/educar>.

Educar é centralmente despertar a verdade mais profunda que existe em nós, e nos fazer ainda mais capaz (sic) de desempenhar nossas tarefas e funções, na vida social no universo como um todo. Ela vai sendo criada e recriada, construída, elaborada e reelaborada (sic) permanentemente entre as pessoas e grupos que vão ensinando e aprendendo, (sic) o sentido das palavras, códigos sociais, regras de trabalho, da tecnologia, dos segredos, da arte, da religião (MMC/SC, 2010).

A experiência histórica da educação popular de Paulo Freire, principalmente no que diz respeito a aspectos relacionados aos pressupostos metodológicos, também foram incorporados e assumidos pelo Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina desde a origem de sua criação. Aprender a investigação

3 Oficialmente, em 2004, o termo camponesa foi assumido enquanto expressão de unificação do Movimento Autônomo de Mulheres do meio rural, que em suas bandeiras de luta incorporam as perspectivas de gênero, classe, raça e geração. (GASPARETO, 2009, p. 54).

4 A compreensão de feminismo está eminentemente ligada à emancipação da humanidade (MURARO, 2002).

sobre as causas dos problemas presente na vida camponesa, superando uma “visão mágica”, passando de uma postura de simples crítica do mundo, para uma ação conscientizadora, foi determinante para que as mulheres, dentro de suas especificidades, fossem moldando o seu jeito de autogestão pedagógica camponesa³ e feminista⁴. Isso exigiu uma atitude de recusa da transmissão de conhecimentos vindos de fora, assumindo o protagonismo pedagógico que se expressa através do trabalho de base, da formação e do envolvimento nas lutas sociais. Neste sentido,

As convicções internas produzem uma metodologia. Metodologia, mais que um conjunto de técnicas e procedimento educativos, é uma postura que revela uma visão de mundo e uma opção política. Assim uma metodologia não é neutra, porque nasce das convicções e porque se liga a um conteúdo e a um rumo (CEPIS, 2005, p. 45).

Nas reuniões, encontros, cursos, teatros e mobilizações principalmente frente ao desafio de assumir e dividir tarefas, as mulheres aprendem que: “A gente aprende fazer, fazendo e pensando sobre o que fazemos.” A tarefa da liderança, nesse caso, é desempenhar uma ação educativa no sentido de motivar e de construir, juntamente com outras mulheres, possibilidades para um novo rumo: a conquista de uma vida digna. Há que se mencionar a importância que teve o engajamento das mulheres presentes nas comunidades de base, nos espaços das igrejas, numa época em que, principalmente, a igreja católica havia reorientado sua ação pastoral a partir da Teologia da Libertação. O exemplo da parteira, expresso no poema inúmeras vezes repetido pelas camponesas é revelador dess e aprendido:

Imagina-te como uma parteira. Acompanhas o nascimento de alguém, sem exibição ou espalhafato. Tua tarefa é facilitar o que está acontecendo. Se deves assumir o comando, faze-o de tal modo que auxilies a mãe e deixes que ela continue livre e responsável. Quando nascer a criança, a mãe dirá com razão: nós três realizamos esse trabalho (adaptação de LaoTse, sec. V a.C, apud CEPIS, 2005, p. 80).

O MMC persiste em um caminho pedagógico que coloca em movimento as ideias das camponesas e de muitas de suas famílias, em que vai se destacando a concepção de educação desse movimento, ou seja: as mulheres aprendem a pensar e não a obedecer. Aprendem a tomar decisões, a ter iniciativas, a comandar

e não submeter-se. É visível observar a mudança de posturas, de atitudes por parte das integrantes do movimento. As conquistas dos direitos, ao longo de todo processo, vão deixando de serem vistas como uma dádiva da política clientelista e passam a ser concebidas como resultado de tantos esforços. Vai se construindo uma reeducação da cultura política embasada numa pedagogia humanista.

Sabemos que essa pedagogia humanista não acontece individualmente e, sim, na vivência coletiva, pois é através do coletivo que se alcança a libertação, é em grupos com os mesmos objetivos que mudam as práticas cotidianas e constroem novas relações entre os seres humanos, inclusive com a natureza (CINELLI, 2012, p. 39).

Desta forma, é possível perceber que o MMC gradativamente vai criando uma pedagogia que se diferencia, pelo fato de incorporar as vivências das mulheres e a diversidade das lutas de superação da dominação e exploração, neste espaço, compreendida como pedagogia camponesa e feminista.

O mutirão de organização dos 30 anos: gincana pedagógica

As comemorações relacionadas aos 30 anos de Movimento Autônomo de Mulheres Camponesas se transformaram em um grande mutirão de organização, que trouxe dinamicidade e vigor para o processo organizativo, formativo e para o seguimento das lutas por direitos das camponesas e de suas famílias. Como é prática no movimento, todo trabalho organizativo foi construído coletivamente envolvendo as lideranças regionais, locais e as mulheres dos grupos de base. A partir da avaliação e planejamento do MMC, foram elaboradas estratégias metodológicas de trabalho que culminaram com a realização de uma gincana pedagógica, a qual possibilitou maior motivação para a vida do movimento em suas diferentes instâncias.

A proposta da gincana foi elaborada pelas dirigentes do movimento. Após ser apresentada às regionais, todas decidiram e assumiram participar, iniciando, assim, uma reanimação junto às bases do MMC. No mês de abril de 2012 as regionais escolheram duas coordenadoras que receberam as tarefas com os prazos de entrega de cada atividade que fora executada no decorrer deste ano até a realização da concentração ocorrida em maio de 2013.



Fonte: Arquivo do MMC/SC
Xanxerê/SC, 01 de maio de 2013.

Relatamos a seguir as tarefas propostas e assumidas pelas mulheres durante o trabalho de mutirão:

- a) **Encontro regional de formação para a realização do mutirão.** Teve como objetivo preparar uma equipe de lideranças para desenvolver o mutirão de organização, animação e visita dos grupos de mulheres nas comunidades.



Fonte: Carmem Munarini.
Regional de Concórdia. Município de Itá / SC,
30 de outubro de 2012.



Fonte: Arquivo do MMC/SC
Regional de São Miguel do Oeste,
05 de junho de 2012.

b) Participação no Encontro Nacional do MMC.

Ocorrido nos dias 17 a 20 de fevereiro de 2013, incentivou a participação das mulheres reafirmando o caráter de movimento nacional. O MMC/SC participou deste evento com uma caravana de 428 mulheres.



Fonte: Arquivo do MMC/SC
Regional São José do Cedro. Brasília/DF,
21 de fevereiro de 2013.



Fonte: Site MMC Brasil
Brasília / DF,
21 de fevereiro de 2013

c) Mostra de produção na concentração dos 30 anos do MMC/SC.

Divulga a diversidade de produção realizada pelas mulheres camponesas na recuperação de sementes crioulas, plantas medicinais, flores, mudas nativas, conservas, compotas, doces, licores, sucos, artesanato entre outros.



Fonte: Fátima Cividini
Regional de Campo Erê/SC
Xanxerê/SC. 01 de maio de 2013



Fonte: Cristiane Milan
Xanxerê/SC. 01 de maio de 2013
Regional de Concórdia/SC

d) **Produção de sementes crioulas para a banca do MMC.**
Ampliou a produção de sementes crioulas de hortaliças na banca do MMC/SC primando pela qualidade de germinação e diversidade de espécies.



Fonte: Cristiane Milan
Município Irani/SC, 08 de março de 2013
Arquivo do MMC/SC



Fonte: Valdete Boni
Xanxerê/SC, 01 de maio 2013,
Arquivo do MMC/SC



Fonte: Arquivo do MMC/SC



Fonte: arquivo do MMC/SC, Região Sul/SC
Grupo Guapo- Município de Descanso/SC



Fonte: Arquivo do MMC/SC - Grupo Guapo, Município de Descanso/SC

e) **Mobilização do dia 8 de março de 2013.** Articulou um número expressivo de mulheres para a mobilização do Dia Internacional da Mulher. Data assumida no MMC como dia de resistência e luta das mulheres trabalhadoras



Fonte: Regional de Palma Sola/SC, 08 de março de 2013



Fonte: Leticia Pereira. Palmeira/SC, 08 de março de 2013

f) **Jovens do MMC.** Demonstrou o desafio para o MMC em relação ao envolvimento das jovens camponesas neste espaço. As jovens que estão envolvidas foram convidadas a escrever sobre suas vivências.



Fonte: Arquivo do MMC/SC
Catiane Cinelli, Santa Terezinha do Progresso / SC. 08 de março de 2013



Fonte: Cristiane Milan
Xanxerê/SC, 01 de maio de 2013



Fonte: Terezinha Kilian
Maria Eloisa Munarini De Carli
Yanni Munarini Pinheiro
Xanxerê/SC, 01 de maio de 2013.

g) **Experiência de produção orgânica.** Destacam-se as experiências que as mulheres estão desenvolvendo em suas unidades de produção, através do esforço em explicitar e dar visibilidade às inúmeras iniciativas de produção orgânica que proporciona autonomia econômica às mulheres.



Fonte: Arquivo do MMC/SC
Horta de Cecilia Schabarum – Saudades/SC



Fonte: Liane Menegotto
Município de Saudades/SC

h) **Bandeira do MMC.** Trabalhou o sentimento de pertença e identidade com o movimento. A bandeira carrega o projeto defendido pelo MMC.



Fonte: Terezinha Kilian
Xanxerê/SC, 01 de maio de 2013



Fonte: Thamara A. Verardo
Xanxerê/SC, 01 de maio de 2013



Fonte: Arquivo do MMC/SC
Xanxerê/SC, 01 de maio de 2013.

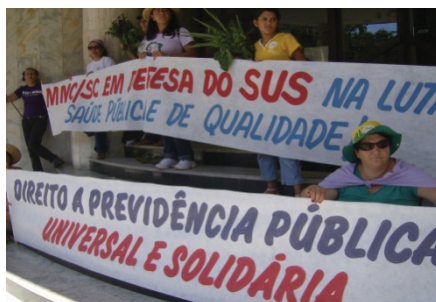
i) Relatar fatos da participação das mulheres nas lutas do MMC. O movimento é uma construção coletiva com a experiência de vida de muitas mulheres. Este processo foi descrito por algumas mulheres, documentando as diferentes formas de participação e envolvimento pessoal e coletivo.



Fonte: arquivo do MMC/SC
Cedro – árvore símbolo de uma concentração MMC/
SC, realizada em 1994, São Domingos/SC

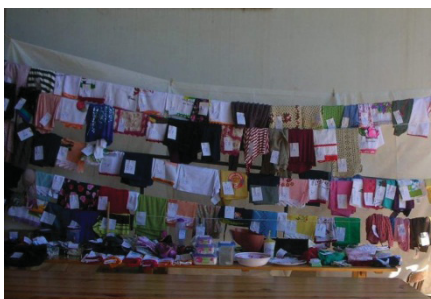


Fonte: Arquivo do MMC/SC
Brasília/DF, 8 de março de 2004



Fonte: arquivo do MMC/SC
Florianópolis/SC, 8 de março 2001

j) Campanha do real. Desde o início de constituição do movimento, o desafio do autossustento está presente em todas as atividades. Desta forma, também a preparação da concentração dos 30 anos contou com a doação pessoal e ou de entidades em dinheiro, material, trabalho e outros que contribuíram para subsidiar as despesas do evento.



Fonte: Arquivo do MMC/SC
“Tenda de bordado”
Município de Itapiranga/SC

k) Grupo de base. Constituem o alicerce do MMC nas comunidades rurais, em que as mulheres se encontram para refletir e encaminhar as ações do Movimento. Nos grupos de base, as mulheres estudaram a cartilha dos 30anos do MMC/SC.



Fonte: Arquivo do MMC/SC
Regional de Mafra, 16 de maio de 2012

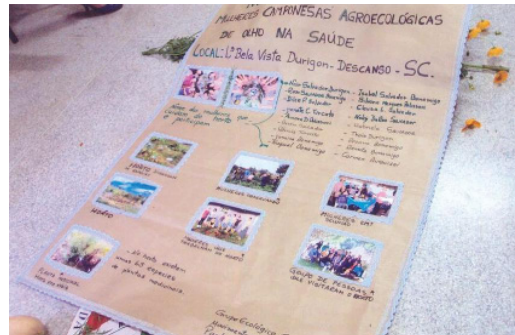


Regional de São José do Cedro / SC, 23 de outubro de 2012
Fonte: Arquivo do MMC/SC

1) **Horto medicinal.** Os hortos medicinais foram construídos com o objetivo de recuperar plantas medicinais e ao mesmo tempo ser um espaço pedagógico de prática e estudo sobre a saúde, princípio ativo das plantas e uso fitoterápico.



Fonte: Edel Schneider
Município de Palmitos/SC
Horto de Plantas Medicinais “Aroma Flor”



Fonte: Arquivo do MMC/SC
Município de Descanso/SC



Fonte: Zenaide Collet
Organização do Horto Medicinal “Berço da Vida”
Município de Quilombo/SC

m) **Herbário de plantas nativas frutíferas ou plantas medicinais.** Na medida em que as mulheres no grupo de base se encontram para organizar o herbário, são motivadas a troca de experiência, pesquisa e apropriação do conhecimento. A tarefa designada foi criar herbários possibilitando o estudo sobre as plantas.



Fonte: Tereza Cruz
Apresentação dos herbários
Xanxerê/SC, 01 de maio de 2013

Nos dias 30 de abril e 1º de maio, as atividades e experiências realizadas pelas camponesas foram socializadas durante a concentração que reuniu mais de 3 mil mulheres. O primeiro dia de comemorações dos 30 anos do MMC/SC reafirmou a importância da luta camponesa e feminista. Mulheres de todas as regiões do Estado, reunidas no Parque da Femi, em Xanxerê/SC, lembraram os principais momentos desde a criação do MMC/SC, entre estas conquistas como a aposentadoria para a mulher do campo, o salário maternidade, o auxílio doença, documentação e o reconhecimento da profissão de agricultora. Da mesma forma, enfatizaram que existem muitas lutas e desafios para os próximos períodos. Durante a tarde de terça-feira, 30/04, as mulheres debateram questões como o feminismo, o projeto de agricultura camponesa e os próximos passos do Movimento, tanto em Santa Catarina quanto no Brasil.

Na quarta-feira, 1º de maio, data em que o MMC/SC comemora os 30 anos, as camponesas realizaram uma grande celebração que enfatizou a trajetória de lutas e conquistas, que trouxe a recordação das protagonistas que fizeram parte da construção dessa história e fortalecem a organicidade do movimento.

As estratégias criadas pelas mulheres do MMC transformam-se em ações organizativas presentes no cotidiano, incentivando no movimento a prática da pesquisa, do estudo, da produção de conhecimento, resultando no avanço da consciência de seus membros.

Na gincana dos 30 anos, como forma de incentivo, houve premiação às regionais que participaram. Todas as regionais receberam o *prêmio de participação*.⁵As três regionais que somaram mais pontos (que melhor organizaram a vida do MMC em seus municípios) foram contempladas com uma viagem de estudo e cultura. Assim: o terceiro prêmio foi conquistado pela regional de Lages. Consiste em uma visita à região da Fronteira entre Brasil e Argentina, tendo como objetivo conhecer o Fórum Internacional de Mulheres, o assentamento Conquista da Fronteira em Dionísio Cerqueira e a visita a uma universidade local. O segundo prêmio ficou com a regional de Chapecó, tendo como premiação uma viagem para Treze Tílias, visita a locais históricos do Contestado e universidade local. O primeiro prêmio ficou na regional de Descanso, sendo uma viagem para Laguna, terra de Anita Garibaldi, praias de Florianópolis e universidade.

5 Viagem de cultura e lazer em um local escolhido pela regional, em um dos municípios sede da própria regional.

Os desafios para aprofundar uma pedagogia camponesa e feminista

O processo pedagógico no MMC privilegia a relação do raciocínio crítico da realidade vivida pelas camponesas. Neste sentido, o MMC assumiu e aprofundou como as mulheres podem contribuir com o projeto de agricultura camponesa agroecológico. Ao optar pelo programa de recuperação, produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças, fazem a articulação entre estudo e prática. Em grupos, intensificam a recuperação e a troca de sementes crioulas de hortaliças, plantas medicinais, nativas e frutíferas. Buscam técnicas orgânicas de manejo do solo e retomam a criação de pequenos animais, sendo que este trabalho exige repensar a organização da horta e da dieta alimentar.



Fonte: Lourdes Bodanese
Horta de Lourdes Bodanese
Município de Marema/SC

A partir do trabalho realizado nas hortas, buscando uma alimentação saudável e diversificada, as camponesas relacionam a luta mais ampla pela soberania alimentar e de sustentabilidade ambiental. As mulheres fazem, no cotidiano, o enfrentamento à padronização da alimentação, aos transgênicos, aos agrotóxicos, ao monocultivo, ao machismo. À medida que se conscientizam da importância de seu trabalho e da produção diversificada de alimentos saudáveis, vão à luta para conquistar, em sua unidade de produção, um pedaço de terra adequado para o cultivo, fértil, de fácil acesso, próximo da casa. As mulheres frequentemente relatam que, antes de participar do MMC, “sobrava o pior pedaço de terra para plantar as miudezas”. Aliás, no MMC, descobrem que a diversidade de alimento que produzem: radichi, alface, couve, repolho, salsa, cebola, alho, cenoura, beterraba, rabanete, abóbora, batata doce, batatinha, mandioca, morango, amendoim, lentilha, linhaça, gergelim, cará, chuchu, pimentão, salvia, alfazema, feijão, arroz, melancia, melão, pêssego, cítricos e tantos outros, não são “miudezas” e sim “grandeza de alimento”, saúde para o grupo familiar, preservação das espécies de plantas, animais e do ambiente. Assim, este contexto da produção que permeia o cotidiano das mulheres encontra, no movimento, espaço para sua própria construção.

A pedagogia adotada pelo MMC para trabalhar as lutas estratégicas, a exemplo do projeto de agricultura camponesa agroecológico exige mudanças no jeito de alimentar-se, na

forma de organização da unidade de produção e novas relações entre as pessoas e com o ambiente. É a partir das experiências que as mulheres conseguem interpretar a exploração do sistema capitalista e a dominação patriarcal e machista que perpassa as relações. Entendem que o cuidado e a preservação das espécies são resultados da evolução e do trabalho da agricultura camponesa e, principalmente, pelo trabalho das mulheres camponesas. Conforme León (2003, p. 218), “[...] as mulheres são, com total evidência, agricultoras em tempo integral e as cultivadoras aportam uma contribuição substancial na conservação e na gestão geral dos recursos fitogenéticos para a alimentação e a agricultura”.

A produção e colheita das sementes crioulas para os bancos genéticos, garantindo a preservação das espécies, é historicamente uma das principais tarefas da agricultura camponesa, da qual as mulheres são protagonistas. A garantia das sementes crioulas assegura autonomia e constitui herança da humanidade.

A agricultura de subsistência cultiva as principais plantas alimentícias há mais de 10.000 anos. Privá-los desse recurso é, pelo menos, uma perversidade, até porque o agricultor de subsistência é um melhorista nato, porque, sempre, há milênios, reserva, para os próximos plantios, as sementes das melhores plantas. Ao ser privado dessa possibilidade, o agricultor se vê roubado em sua herança mais significativa, equilibrada e barata, que são as variedades locais cultivadas há milênios (PASCOAL, 1987 apud MACHADO; FILHO; RIBAS, 2003, p. 254).

É nesse sentido que a horta adquire significado para a família camponesa. É o espaço de cultivo da diversidade de alimentos e plantas medicinais. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), 80% da população mundial utiliza as plantas medicinais para o uso diário.

Um desafio posto para as mulheres camponesas está em avançar nas formas de comercialização do excedente priorizando a aquisição para as trabalhadoras e trabalhadores da cidade. Ao mesmo tempo, criar condições de autonomia e renda para as camponesas. Neste sentido, faz-se necessário avançar em estratégias que possibilitam a efetivação de tais demandas.

Os elementos pedagógicos que o MMC prioriza em seu trabalho contribuem para que as mulheres conquistem maior participação política na sociedade. A evidência de tais conquistas

pode ser percebida em diferentes contextos: participação e coordenação na luta pela aposentadoria, salário maternidade, documentação pessoal e profissional; reconhecimento e declaração da profissão de trabalhadora rural; lutas por saúde pública, saúde da mulher em defesa do Sistema Único de Saúde; luta por crédito para a agricultura agroecológica, preços justos dos produtos; luta contra os agrotóxicos, os monocultivos, transgênicos, na padronização da alimentação; luta pelo fim da violência contra a mulher, entre outras. O desafio que se coloca nesse momento está na continuidade da busca de novas estratégias que respondam às necessidades das mulheres e da vida camponesa.

Outro desafio diz respeito à formação. Os momentos de formação partem da realidade do grupo e tem por objetivo elevar os níveis de consciência social, política, econômica, cultural e técnica das mulheres camponesas, buscando avançar na organização do movimento autônomo, camponês, feminista, socialista e na construção de relações de igualdade. É no processo formativo que as militantes vão percebendo e construindo sua condição enquanto mulher no espaço familiar e na sociedade. Constatam que a estrutura de opressão e dominação tem suas raízes no patriarcado, incorporado ao sistema capitalista. Neste aspecto, as reflexões que vêm sendo realizadas no interior do MMC estão possibilitando a percepção de que a violência, a dominação e a exploração das mulheres incorporam elementos de gênero, classe e raça. Além de enfrentar a divisão entre o público e privado, isso ocorre na política, na igreja, na economia. Como lidar com as nuances da vida formativa no MMC?

Nas atividades do MMC percebe-se o esforço em superar a concepção de que as mulheres não trabalham e que devem cuidar do espaço privado, dos doentes, idosos, crianças e que a produção diversificada não tem valor. Nas mostras de produtos e das experiências realizadas pelas mulheres: bancas de sementes, conservas, doces, artesanato, entre outros, verificamos o contrário. Dá-se visibilidade ao trabalho, à cultura, ao saber, às possibilidades de renda que questionam a concepção de que o trabalho da mulher não tem valor.

Outro desafio entre as mulheres do MMC e suas famílias está na educação dos/as filhos/as. Como educar a partir dos valores e princípios humanistas, vivendo num mundo consumista e competitivo? Estes são desafios colocados ao MMC e que necessitam da criação de novas estratégias.

Considerações finais

O propósito deste trabalho foi o de apresentar elementos de reflexão presentes nas práticas pedagógicas no processo de discussão, elaboração e comemoração dos 30 anos de história do MMC. Destacamos também algumas estratégias que deram dinamicidade para as ações desse movimento no que se refere aos grupos de base, à formação e às lutas, uma vez que o desenvolvimento das atividades e o envolvimento do público contribuem significativamente para o debate interno sobre a necessidade e os desafios de aprofundar a pedagogia camponesa e feminista em construção nestes espaços.

De fato, o MMC expressa uma construção coletiva, de vivências compartilhadas, em espaços diferenciados, interagindo em unidade e diversidade, buscando realizar a missão do MMC, que é: “a luta pela libertação da mulher de todas as formas de opressão e exploração, a construção do projeto de agricultura camponesa agroecológico e feminista e a luta pela transformação da sociedade”.

Faz-se necessário destacar, nessa caminhada, o esforço das dirigentes em trabalhar as ações unindo prática e teoria.

Referências

ARROYO, Miguel. **Pedagogias em Movimento** – A Pedagogia dos Movimentos Sociais. 2010. Disponível em: <<http://bbento.blogspot.com.br/2010/08/pedagogias-em-movimento-pedagogia-dos.html>>. Acesso em: 13 ago. 2013.

CEPIS. **Trabalho de Base**: Teoria e Prática. (Caderno). São Paulo, 2005.

CINELLI, Catiane. **Programa de sementes crioulas de hortaliças**: experiência e identidades no movimento de mulheres camponesas. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências, UNIJUÍ, Ijuí, 2012.

FOTOS do arquivo do MMC/SC.

GASPARETO, Sirlei, A. K. **As jovens do Movimento de Mulheres Camponesas MMC**: Trabalho, família e projetos de vida. Campina Grande, Paraíba, 2009.

LEÓN, Irene. Mulher, vida e sementes. In: CARVALHO, Horácio Martins de (Org.). **Sementes patrimônio dos povos a serviço da humanidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

MMC/SC. Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina. **Uma história de organização, lutas e conquistas**. Chapecó: Gráfica Rota, 2008.

MMC/SC. Cartilha de **Educação popular e organização das mulheres**. Gráfica Rota, Chapecó/SC, 2010.

MMC/SC. **Roteiro da Gincana dos 30 anos de organização do MMC/SC**, 2012.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio**: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro. 8 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

PALUDO, Conceição. **Educação popular em busca de alternativas**: uma leitura desde o campo democrático popular. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

PELOSO Ranulfo. **Aprendendo e Ensinando uma Nova Lição**: Educação Popular e Metodologia Popular. CEPIS, São Paulo, 2005.

PEASANT WOMEN MOVEMENT IN SANTA CATARINA: IN SEARCH OF A PEASANT AND FEMINIST PEDAGOGY

Abstract

When it completed thirty years of history, the Movement of Peasant Women in Santa Catarina (MMC – SC) built together a pedagogical process to restate the historical fight for women's freedom altogether with society's transformation, through new practices and social relationships. Beginning from the theme of this experience, it was put together a work strategy, where members took part directly and indirectly to reorganize their movement. The whole work culminated in the realization of a big concentration occurred in April 30th and May 1st 2013 in the city of Xanxerê. One of the greatest challenges for the MMC is to persist in search of a new feminist and peasant pedagogy.

Keywords: Movement of Peasant Women. Thirty years of history. Peasant and Feminist Pedagogy.